



## Os efeitos de sentidos apreendidos em pichações: atravessamentos ideológicos e sócio-históricos

*The effects of meaning apprehended in graffiti: ideological and socio-historical crossings*

*Los efectos de los significados apreendidos en el grafiti: cruces ideológicos y sociohistóricos*

Ana Carolina Bernardino<sup>1</sup>  <https://orcid.org/0000-0002-4553-9865>  
Rosemeri Passos Baltazar Machado<sup>2</sup>  <https://orcid.org/0000-0002-3000-9941>  
Ana Luísa Loureiro Bracarense Costa<sup>3</sup>  <https://orcid.org/0000-0002-8157-5097>

**RESUMO:** Este trabalho está fundamentado na perspectiva teórica da Análise do Discurso de linha francesa, que nos permite estudar os fenômenos da linguagem a partir da materialidade linguística e, também, da relação que a língua estabelece com a história e com a ideologia. Configura-se como uma ferramenta de estudo, através dos conceitos de Formação Discursiva, Formação Ideológica e das Condições de Produção, e aborda a temática do discurso urbano, em específico as pichações, selecionadas da internet. O objetivo principal do trabalho consiste em estudar o funcionamento discursivo na produção dos sentidos, com a finalidade de verificar de que forma os possíveis efeitos de sentidos são materializados na/pela linguagem. Compreendemos, com este trabalho, as dimensões socioculturais e de produção de sentido por meio do discurso presente nas pichações, identificando os atravessamentos ideológicos que perpassam os discursos pichados, refletindo a respeito dos aspectos extralinguísticos e das múltiplas possibilidades de efeitos de sentidos relacionadas às formações ideológicas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Efeitos de sentidos; pichações; formações ideológicas.

**ABSTRACT:** This work is based on the theoretical perspective of French-line Discourse Analysis, which allows us to study the phenomena of language from the linguistic materiality and also the

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Estudos da Linguagem pela Universidade de Londrina. Desenvolve estudos na área do texto e do discurso tomando como aporte teórico a Análise de Discurso de orientação francesa. *E-mail:* [a.carolina.bernardino@gmail.com](mailto:a.carolina.bernardino@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (2007). Docente na mesma instituição. *E-mail:* [rosemeri@uel.br](mailto:rosemeri@uel.br)

<sup>3</sup> Mestranda em Estudos Semióticos na Universidade de São Paulo (USP). Membro do Projeto de Pesquisa intitulado "PAD II - Diversidade e desigualdade social: a exclusão/inclusão do sujeito na/pela história". *E-mail:* [analuisabracarense@usp.br](mailto:analuisabracarense@usp.br)

relationship that language establishes with history and ideology, as it configures itself. As a study tool, through the concepts of Discursive Formation, Ideological Formation and Conditions of Production, and addresses the theme of urban discourse, specifically graffiti, selected from the internet. The main objective of this paper is to study the discursive functioning in the production of meanings, in order to verify how the possible effects of meanings are materialized in/through language. With this work, we understand the sociocultural dimensions and the production of meaning through the discourse present in the graffiti, identifying the ideological crossings that permeate them, reflecting on the extralinguistic aspects and the multiple possibilities of meaning effects related to ideological formations.

**KEYWORDS:** Speech effects; advertisement; graffiti; ideological formations.

**RESUMEN:** Este trabajo se basa en las perspectiva théorique de l'Analyse du discours en ligne française, qui nous permet d'étudier les phénomènes du langage à partir de la matérialité linguistique et aussi le rapport que le langage établit avec l'histoire et l'idéologie, au fur et à mesure qu'il se configure comme outil d'étude, à travers les concepts de formation discursive, de formation idéologique et de conditions de production, et aborde le thème du discours urbain, en particulier le graffiti, sélectionné sur Internet. L'objectif principal du travail est d'étudier le fonctionnement discursif dans la production de sens, afin de vérifier comment les effets possibles des sens se matérialisent dans/par le langage. Avec ce travail, nous comprenons les dimensions socioculturelles et la production de sens à travers le discours présent dans le graffiti, en identifiant les croisements idéologiques qui imprègnent les discours du graffiti, en réfléchissant aux aspects extralinguistiques et aux multiples possibilités d'effets de sens liés aux formations idéologiques.

**PALABRAS CLAVE:** Efectos de los sentidos; pintada; formaciones ideológicas.

## Introdução

Com base teórica respaldada na Análise do Discurso de linha francesa, este trabalho tem como objetivo analisar os discursos produzidos em três pichações retiradas da internet, a partir dos conceitos de Formação Ideológica (FI) e das Condições de Produção (CP).

A Análise do Discurso defende que a linguagem possui relação com a exterioridade e, dessa forma, a linguagem e as condições de produção, juntamente com os atravessamentos ideológicos, são responsáveis pela produção/apreensão dos discursos e seus múltiplos efeitos de sentidos. Assim, nas análises, refletimos a respeito dos efeitos de sentidos produzidos por três pichações, bem como os aspectos ideológicos e sócio-históricos presentes em cada uma delas.

A escolha pelo gênero pichação foi motivada pelo interesse em apresentar esse modo de dizer, pois, nas pichações selecionadas, o dito está na busca de uma intervenção social, com o objetivo de despertar reflexão social, o que o caracteriza, nesse contexto, como um gênero de resistência. Para tanto, realizamos um levantamento bibliográfico para a elaboração do referencial teórico. A partir disso, analisamos o corpus escolhido, optando por uma seleção pertencente ao discurso urbano de cunho político-social, de modo a refletir a teoria nos discursos selecionados.

Por fim, organizamos este trabalho na seguinte estrutura: primeiramente, elaboramos as elucidações teóricas advindas da Análise do Discurso de linha francesa (AD), enfatizando alguns aspectos, como as condições de produção e as formações ideológicas. Logo depois, abordamos, brevemente, a escolha pelo gênero discursivo pichação. Partimos, então, para a análise do corpus escolhido, as três pichações, e refletimos a respeito dos diversos efeitos de sentidos que são produzidos, levando em consideração os diferentes atravessamentos ideológicos presentes nos sujeitos, que produzem e apreendem os discursos. Para finalizar, apresentamos algumas considerações e reflexões acerca do trabalho empreendido.

### **Análise do Discurso Francesa: algumas elucidações teóricas**

A Análise do Discurso (que chamaremos AD) surgiu na França, nos anos de 1960, e foi fundada como linha de pesquisa por Michel Pêcheux. Além de refletir sobre a própria história das ciências humanas, a AD caracteriza-se por observar a exterioridade da língua, tornando-a interdisciplinar, pois leva em consideração os atravessamentos ideológicos de cada sujeito, bem como as condições sócio-históricas nas quais estão inseridos os sujeitos e, conseqüentemente, suas produções discursivas, justificando, assim, os diversos efeitos de sentidos que podem ser apreendidos de cada discurso proferido.

De acordo com Orlandi (2015, p. 13), a AD trabalha com o discurso e, como a própria palavra remete, trata-se “de curso, de percurso”, ou seja, analisa a língua em uso. Dessa forma, é necessário ressaltar que a AD não trabalha com a linguagem enquanto um sistema abstrato, mas a língua em situações de uso, com maneiras de significar socialmente.

Nesse sentido, devemos pensar a linguagem a partir das suas relações exteriores, ou seja, da CP, bem como pensar as produções discursivas a partir dos atravessamentos ideológicos. Orlandi (2015, p. 19) acrescenta que pensar o discurso:

[...] não se trata de transmissão de informações apenas, pois, no funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos e não meramente transmissão de informação.

Nessa perspectiva, pensar que os sentidos são afetados pela história é pensar que os discursos estão inseridos em determinadas condições de produção e essas condições envolvem todo o contexto exterior ao discurso. Segundo Charaudeau e Maingueneau (2014,

p.114) a “noção de condições de produção do discurso substitui a noção muito vaga de ‘circunstâncias’ nas quais um discurso é produzido”, em outras palavras, é o contexto do momento enunciativo – sócio-histórico e ideológico – que condiciona a produção dos discursos.

[...] É certo que um sujeito falante é sempre parcialmente sobredeterminado pelos saberes, crenças e valores que circulam no grupo social ao qual pertence ou ao qual se refere, mas ele é igualmente sobredeterminado pelos dispositivos de comunicação nos quais se insere para falar e que lhe impõem certos lugares, certos papéis e comportamentos (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2014, p. 115).

Assim, Orlandi (2015) acrescenta que as CP compreendem os sujeitos e a enunciação, logo, refere-se ao contexto no qual o discurso está acontecendo. Nesse sentido, a autora aponta que:

[...] o dizer não é propriedade particular. As palavras não são nossas. Elas significam na história e pela língua, o que é dito em outro lugar também significa nas “nossas” palavras. O sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controlo sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele (ORLANDI, 2015, p. 30).

É por meio da linguagem que o sujeito irá se constituir e é também nela que ele deixa as marcas dos atravessamentos ideológicos que o perpassa. O discurso é o momento de encontro entre os processos ideológicos e os processos linguísticos; afinal, a linguagem como interação é o modo de produção social – que não é neutra – pois é o local no qual se manifesta a ideologia, isto é, as FI estão diretamente ligadas às CP e aos sujeitos.

Por isso, compreendemos que as formações ideológicas são responsáveis, juntamente com as condições de produção, por determinar os posicionamentos assumidos por cada sujeito, em dada situação.

Charaudeau e Maingueneau (2014, p. 267) apontam que na AD francesa, “a ideologia é um conceito central”, pois ela é um instrumento de dominação de classe, porque a classe dominante faz com que suas ideias passem a ser as ideias de todos. O conceito de ideologia é importante, porque alia a linguagem aos aspectos sócio-históricos, uma vez que ela é responsável por representar as relações entre os sujeitos, pois não há sujeito que não seja atravessado por formações ideológicas e tais formações irão guiar esse sujeito, fazendo com que seus discursos atravessem outros discursos.

Nesse mesmo sentido, Orlandi (2015, p.37) acrescenta que:

[...] Não há discurso que não se relacione com outros. Em outras palavras, os sentidos resultam de relações: um discurso aponta para outros que o sustentam, assim como para dizeres futuros. Todo discursivo é visto como um estado de um processo discursivo mais amplo, contínuo. Não há, desse modo, começo absoluto nem ponto final para o discurso. Um dizer tem relação com outros dizeres realizados, imaginados ou possíveis.

Assim, a ideologia é responsável por interpelar indivíduos em sujeitos, ou melhor, é a condição para a constituição do sujeito e, conseqüentemente, dos sentidos. Afinal, o sujeito é produto histórico, ele é um efeito do discurso.

Vale ressaltar, que o discurso produzirá determinado sentido, porque está inscrito em uma dada Formação Discursiva (FD) e não em outra, sendo assim, os discursos e seus múltiplos efeitos de sentidos são conseqüências da FD na qual estão inseridos. Orlandi (2015, p. 41) expõe que a FD pode ser definida como "aquilo que numa formação ideológica dada, ou seja, a partir de uma posição dada, em uma conjuntura sócio-histórica dada, determina o que pode e o que deve ser dito". Além disso, a autora acrescenta que:

[...] Como sabemos, não são as palavras, expressões que significam. Elas tiram seus sentidos das formações discursivas em que se inscrevem. E o modo de funcionamento desse mesmo, essa materialidade na qual se dá o significar, desliza para outros sentidos, rompe os limites (ORLANDI, 2004, p. 49).

Dessa forma, as FDs estão ligadas às FIs, afinal, segundo Pêcheux e Fuchs (1993), esse mecanismo só é possível porque é a ideologia que coloca os dizeres dizendo o que dizem, ou seja, tendo em mente as considerações de produção, é no e pelo discurso que a ideologia se materializa e produz efeitos de sentidos. Assim, devemos entender que a ideologia é manifestada por meio de um complexo conjunto de FIs, as quais vão sendo transformadas/ressignificadas na/pela história e na/pela memória discursiva.

Com base nesse panorama, pretendemos compreender os efeitos de sentido que são produzidos pelas pichações selecionadas, considerando os atravessamentos ideológicos que compõem a FI, bem como a carga social que esses discursos carregam, analisando os sentidos que estão além da materialidade linguística, isto é, os sentidos que são produzidos e reproduzidos ideologicamente e sócio-historicamente.

## **O Gênero Discursivo Pichação**

A escolha pelo gênero discursivo pichação se deu pelo interesse em compreender seu

funcionamento, pois esse gênero, em sua maioria, busca fazer uma intervenção social, despertando um estado de reflexão social acerca de determinados assuntos e/ou questionamentos.

Orlandi, em seu livro "Cidade dos Sentidos" (2004), aponta que as pichações são formas de discurso urbano, em outros termos, são a maneira que a cidade – através dos sujeitos – encontra para produzir sentidos, uma vez que "não é só a produção de sentidos que constitui o processo de significação, mas também, e eu diria, sobretudo, seu modo de circulação, seu modo de existência" (ORLANDI, 2004, p. 60). Afinal, o espaço urbano é espaço de significação, é um espaço simbólico no qual o social passa a ser significado.

A pichação é uma forma de diálogo que o pichador utiliza para conversar com a cidade (aqui, devemos entender "cidade" como os sujeitos sociais que estão inseridos dentro desses espaços). O contato com o local propõe uma série de relações e/ou contratos, pois nele estão inseridas não apenas as mensagens, mas a própria relação do sujeito pichador com os outros sujeitos que ali circulam, e com as próprias condições. Dessa forma, a escolha para analisar esse gênero está na busca de compreender os diversos posicionamentos ideológicos que estão envolvidos tanto na produção da pichação como na sua compreensão/apreensão.

Segundo Orlandi (2016, p. 209), as pichações são partes do urbano, pois:

[...] seu cenário é a cidade. Seu modo de existência é o muro, a parede urbana. Sua forma é uma forma que denuncia os modos de existência dos sujeitos e das relações sociais que aí se praticam. O modo como o Estado os individualiza e que resultam em seus processos de identificação: na falta de acesso às instituições, ao ensino, à formação, à privacidade e até mesmo ao espaço público.

A pichação carrega uma inquietação visual, a partir do ponto de vista do outro que utiliza a parede e/ou outros suportes urbanos para se comunicar com o social. As significações não ocorrem apenas em seu tempo de criação, de produção e de existência para o pichador, mas, também, no tempo do outro, do sujeito que lê, justificando os múltiplos efeitos de sentidos decorrentes dessas manifestações. Assim, devemos entender que apenas os fenômenos linguísticos não são suficientes para a apreensão dos efeitos de sentidos. É preciso colocar tais elementos em relação com o objeto de discurso (temática) e com os interlocutores envolvidos no processo, ou seja, é de suma importância levar em consideração as chamadas condições de produção (CPs) do discurso. Logo, de acordo com

Pêcheux e Fuchs (1993), as CPs envolvem não só o aspecto histórico, mas também o ideológico, os quais, por sua vez, se fazem revelados por meio das formações discursivas (FDs).

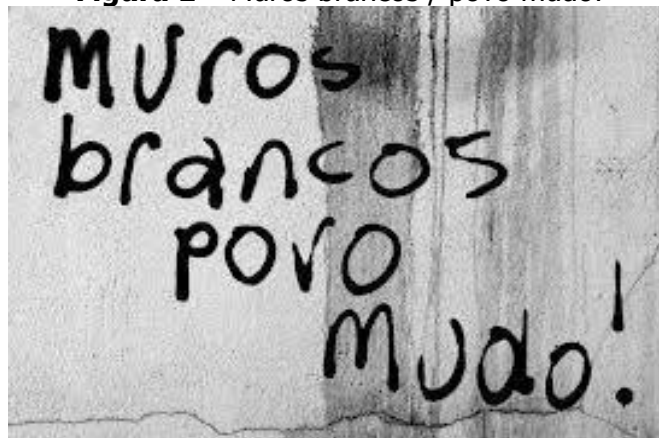
A pichação deve ser compreendida como um direito de manifestação do sujeito, direito de apropriação do espaço urbano para que possa ter voz, já que em outros locais ele é tão pouco ouvido. As mensagens deixadas nos muros estabelecem reflexões políticas, econômicas e, principalmente, sociais. Os discursos desenvolvidos nesse espaço – o urbano – se constituem das relações estabelecidas entre os sujeitos que se significam e que significam as relações de sua própria existência. Na cidade, que é urbano, o social se sobrepõe.

### **Vozes que ressignificam além dos muros:** análise do *corpus*

Nosso trabalho analisa três pichações, retiradas da internet.

#### *Análise I:*

**Figura 1** – Muros brancos / povo mudo!



**Fonte:** Página do Pinterest (2017).

Quando lemos a sentença “Muros brancos / povo mudo!”, enuncia-se que o único lugar de manifestação do povo, em nossa sociedade, é o muro, visto que, dentro das esferas políticas, ele nem sempre tem voz, isto é, o povo é mudo, ou mesmo silenciado. Seus desejos e suas reivindicações, na maior parte das vezes, não são ouvidos e, quando ouvidos, não são, efetivamente, colocados em prática. Sendo assim, grande parte das pessoas encontra no muro o lugar apropriado para suas expressões, para fazer suas denúncias, para, de certa forma, reivindicar seus direitos. Essas são, em grande parte, as condições de produção desses sujeitos, que compreendem seus posicionamentos e fundamentam a



situação na qual estão sendo produzidos e pensados os discursos.

Segundo Orlandi (2004), a pichação é, nos seus sinais indecifráveis para muitos, a própria manifestação da reivindicação e da contestação política. Conforme mencionado, as próprias CPs também nos permite compreender que os discursos presentes na pichação acabam por revelar a expressão de uma determinada classe que busca seus direitos através dessa exposição pública, ainda que os espaços limitados de reivindicações que possuem não sejam mais legalizados. A mídia, por exemplo, raramente abre espaço para a voz dessas classes desprivilegiadas de algum direito e de suas necessidades. Ela está sempre disponível apenas à meritocracia, que a sustenta e que sustenta os seus próprios interesses. E o povo que continue calado, mudo.

A pichação está sendo colocada em questionamento, principalmente, por sua carga política e ideológica, uma vez que as classes sociais que estão à margem não recebem a atenção merecida do poder público. Continuam à margem, dia após dia.

[...] É o gesto da pichação que o representa mais fundamente na sua 'vontade' social: o do que sai do silêncio (que lhe nega a página em branco do caderno na escola, ou um lugar social onde se 'coloque' profissionalmente, ou um espaço cultural que o acolha em suas manifestações próprias). O sinal gráfico que o põe em contato, antes de tudo, consigo mesmo (a forma da grafia, sua assinatura etc.), e com os 'seus' (as alianças), às vezes aceitas (outras não) pela 'gente do bairro', é o primeiro gesto que o coloca em cena (ORLANDI, 2004, p. 110).

Percebemos como a cidade reverbera no sujeito, ou seja, como ela se diz nele e como isso afeta os seus sentidos de cidadania. É por tais motivos e tais condições que algumas expressões se tornam tão intensas, que "ecoam além dos muros", chamando atenção para o que precisa ser dito e direcionando o olhar do outro para determinados problemas que, muitas vezes, não estão sendo percebidos. Esses discursos pichados se relacionam com outros discursos sociais, assim, os sentidos apreendidos são resultantes das relações que se estabelecem entre os discursos. De acordo com Orlandi (2015, p. 37), "um dizer tem relação com outros dizeres realizados, imaginados ou possíveis", é tudo e nada, é o dito e o não-dito, é o grito e o silêncio que grita, é o sujeito constituindo-se em sujeito, por suas perspectivas, ideologias e desejos.

A pichação é uma manifestação fundamentalmente urbana, para perceber como a cidade se revela por meio dela. Faz com que os sentidos não fiquem parados em apenas um lugar, movem-se como nós também nos movemos na sociedade, está colocada lá para



causar impactos e questionamentos, está lá para significar de inúmeras formas, mas não de modo randômico, haja vista que há uma exterioridade regulando a sua produção.

O fato de dar tinta ao muro sujo e vazio vai muito além do pincel, transforma-o em instrumento de manifestação, alerta para pequenos detalhes que podem causar inquietação e questionamentos, e pode mudar a vida dos sujeitos que o leem. Os muros usados são pequenas demonstrações da voz que é calada, abafada e esquecida todos os dias.

### *Análise II:*

**Figura 2** – A Mídia é dos cara. Mas a rua é Nossa



**Fonte:** Braga (2015)

A escolha da segunda pichação serve para completar e reafirmar a análise anterior. Como já mencionado, os sujeitos que picham estão buscando, no muro, um espaço para ter voz ativa. Dar voz aos muros significa despertar inquietação e demonstrar reflexão. De acordo com Spinelli (2007), o ato de pichar é uma forma de ressignificar o modo como habitam e marcam a cidade, uma forma direta de viver a cidade no eu do sujeito.

Nesse sentido, Orlandi (2012, p. 195) acrescenta que a pichação

[...] nem sempre se trata de uma autoria individualizada, mas do grupo. Pertencimento a um grupo. Pertencimento à cidade. Pertencimento a uma sociedade. Apropriação de 'seu' espaço, no espaço público, publicizando sua presença. Na continuidade desse gesto, o sujeito acaba textualizando.

Guimarães (2013) afirma que o discurso sempre carrega significações específicas na estrutura social, afinal, o sujeito está inserido nessa estrutura, produzindo e reproduzindo as relações de poder e a dinâmica de um grupo sobre o outro.

Quando se diz "a mídia é dos cara. Mas a rua é nossa", encontramos uma clara divisão social, que comprova que a procura pela pichação está no fato de não terem lugar para expressarem suas questões sociais. Os muros estão sendo usados para manifestar

insatisfações há muito contidas, reprimidas. A mídia, como citada, é fechada a questões específicas e é manipulada (manipulável) aos interesses das classes dominantes, restando à classe marginalizada, a rua: um espaço para significar socialmente.

Percebemos que essa marca urbana se relaciona com a manifestação em busca de um diálogo aberto, que possibilite mudanças visíveis. A pichação coloca em cena desejos específicos que, nas condições dadas, sai do silêncio e vai para a representação em sua totalidade. Por conta disso, na busca de externar suas insatisfações e inquietações com maior visibilidade, tem se tornado comum na pichação a preferência por registros no centro da cidade, e não nos demais bairros, visto que estes, na maioria parte dos casos, já estão esquecidos.

Tendo presentes as condições de produção, notamos uma oposição relacionada à posições ideológicas marcadas por aqueles que se fazem presentes na mídia, e por aqueles que estão na rua. Esse fator de oposição está delimitado, linguisticamente, no uso da adversativa 'mas', expressando uma contradição de classes e ideias. Ainda no texto, observamos a forma de grafar as palavras, pois o 'nossa' está escrito com a letra em tamanho maior que o restante da sentença, expressando um domínio. Além disso, ao usar "dos cara", compreendemos um tom de desprezo do enunciador.

Spinelli (2007, p. 114) acrescenta que essa "relação com o bairro acompanha a pichação como um dado complementar e manifesta uma afirmação de pertencimento a determinada região da cidade", logo, esses sujeitos precisam de espaço, precisam de voz.

[...] As relações de poder vão produzir as muitas lutas que o dia a dia denuncia de forma explícita, a saber: lutas contra formas de dominação ética, social e religiosa; contra as formas de exploração que separam os indivíduos daquilo que eles produzem; ou contra aquilo que liga o indivíduo a si mesmo e o submete, desse modo, aos outros (lutas contra sujeição, contra as formas de subjetivação e submissão) (ZAN *et al.*, 2010, p. 474).

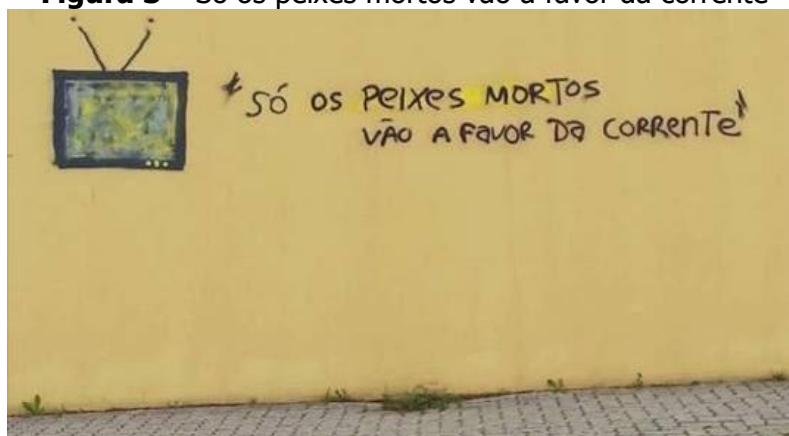
O sujeito que diz através do muro é um sujeito que não encontrou outras formas de se manifestar e, além disso, não se sente representado por nenhuma instância. Logo, a rua torna-se o lugar aberto a todas essas discussões e denúncias.

[...] Ele é sujeito à língua e à história, pois para se constituir, para (se) produzir sentidos ele é afetado por elas. Ele é assim determinado, pois se não sofrer aos efeitos simbólicos, ou seja, se ele não se submeter à língua e à história, ele não se constitui, ele não fala, não produz sentidos (ORLANDI, 2015, p. 46).

Ele é um sujeito assujeitado/clivado por uma série de fatores: as condições de produção, o momento sócio-histórico dado, os atravessamentos ideológicos. Ele é livre para dizer o que diz, dentro das formações discursivas que estão instauradas/impostas. Vale lembrar que o sujeito e o sentido se constituem juntos, ao mesmo tempo, articulando a língua com o momento histórico, colocando em pauta o imaginário e a ideologia.

*Análise III:*

**Figura 3** – Só os peixes mortos vão a favor da corrente



**Fonte:** Luciano (2017).

A primeira observação a ser feita nessa pichação está no fato de o escrito estar seguido de uma imagem de televisão, que representa a mídia, logo, a manipulação decorrente dela. Afinal, é através da televisão que grandes determinações ideológicas são disseminadas. Guimarães (2013) afirma que a ideologia pode ser definida como expressão de uma tomada de posição determinada e se configura como condição essencial na relação mundo/linguagem.

Numa analogia ao escrito dessa pichação, somente os peixes mortos não podem assumir posicionamento algum, somente eles não conseguem brigar por suas ideias, por aquilo que acreditam, pois, para eles, qualquer caminho é caminho, uma vez que estão mortos. Nesse sentido, Chauí (1980, p. 79) afirma que

[...] a alienação é um processo ou o processo social como um todo. Não é produzida por um erro da consciência que se desvia da verdade, mas é resultado da própria ação social dos homens, da própria atividade material quando esta se separa deles, quando não podem controlá-la e são ameaçados e governados por ela. A transformação deve ser simultaneamente subjetiva e objetiva: a prática dos homens precisa ser diferente para que suas ideias sejam diferentes.

Por outro lado, e ao mesmo tempo em que se vê/interpreta tal analogia, é possível ouvirmos o grito social e identificarmos, nesse discurso urbano, as marcas de diferentes vozes, que levam em consideração vários pontos de vista. Isso acontece quando o enunciador não concorda com os discursos que são proferidos através da mídia - ocupando uma determinada posição -, uma vez que eles alienam as pessoas e as manipulam da forma que desejarem.

Do ponto de vista social, o enunciador percebe que essa ocorrência não está correta, pois as pessoas precisam perceber que possuem opiniões e conseguem lutar (nadar) contra essas ideias determinadas. A própria pichação revela um enunciador que luta contra a maneira pelas quais as estruturas sociais estão sendo construídas, que grita e busca ser ouvido, mas que, ao mesmo tempo, só diz o que diz porque assim lhe é permitido dizer.

O uso das aspas, marca linguística presente no discurso, nos revela um posicionamento, dado em determinada condição de produção, de uma parcela social que é/está alienada.

De acordo com Orlandi (2012, p. 193), "nós nos significamos no que dizemos. O dizer deixa os vestígios do vivido, do experimentado e o gesto de interpretação mostra os modos pelos quais o sujeito (se) significa".

[...] Assim a cidade se materializa em um espaço que é um espaço significativo: nela sujeitos, práticas sociais, relações entre indivíduo e a sociedade têm uma forma material, resultado da simbolização da relação do espaço, cidadão, com os sujeitos que nela existem, transitam, habitam, politicamente significados (ORLANDI, 2016, p. 200).

Sendo assim, voltamos para uma questão que já foi abordada nas outras análises, o fato de usar o muro para fazer suas denúncias sociais, para proferir efeitos de sentidos diversos que levem os indivíduos a uma reflexão acerca de seus posicionamentos enquanto sujeitos e, conseqüentemente, com função social. Dessa forma, o discurso urbano desenvolve-se em um espaço que lhe é próprio e, por isso, refletimos em nossas análises as múltiplas formas de pensar a cidade, ou seja, os diversos efeitos de sentido que existem nesse espaço que é urbano e no qual o social se sobrepõe. Daí a importância de compreender o espaço urbano como um espaço material, que funciona como lugar para significar e ressignificar o tempo todo, como um espaço simbólico no qual o social toma forma e sentido.

## **Conclusão**

Com base no aporte teórico escolhido para esse artigo, foi possível estudarmos a relação entre as condições de produção e a ideologia presentes no discurso urbano, em especial, em três pichações, evidenciando o seu funcionamento no meio social.

De acordo com Orlandi (2012, p. 62):

[...] O mesmo leitor não lê o mesmo texto da mesma maneira em diferentes momentos e em condições distintas de produção de leitura, e o mesmo texto é lido de maneiras diferentes em diferentes épocas, por diferentes leitores. É isso que entendemos quando afirmamos que há uma história de leitura do texto e há uma história de leitura dos leitores.

Ou seja, as análises foram feitas a partir de uma condição de produção, de um determinado lugar social e histórico, levando em consideração determinada FD e dada FI. Assim, é possível que existam outras interpretações, diferentes ou não das que foram analisadas neste trabalho.

Observamos, ao final das análises, que a ideologia se materializa nos discursos e que o discurso se materializa na linguagem: a pichação pode ser descrita como um gênero de resistência e que, a partir dos muros/paredes, proporciona inúmeros ditos e, conseqüentemente, posicionamentos dentro de uma sociedade. Compreendemos, também, que a interpretação, como dito anteriormente, vai depender da relação entre língua e história. Dessa forma, os efeitos de sentidos são produzidos/captados pelo assujeitamento a essas dadas condições.

Além disso, fica evidente a importância do conceito de formação ideológica, principalmente ao que se refere à compreensão/apreensão/produção dos efeitos de sentidos, pois os sujeitos presentes nos discursos não são atravessados pelas mesmas formações ideológicas, nem estão inseridos dentro das mesmas formações discursivas, bem como não pertencem às mesmas condições de produção. Por tal motivo, os múltiplos efeitos de sentido são possíveis.

Pela perspectiva traçada ao longo deste trabalho, podemos identificar que os conceitos de condição de produção e de formação ideológica são fundamentais para a determinação dos efeitos de sentido e, como já mencionados, esses efeitos de sentidos, ainda que não sejam qualquer sentido, podem ser diversos, afinal, os sujeitos não são atravessados pelas mesmas determinações ideológicas. Isso evidencia que o processo de construção dos sentidos não é simples, mas uma unidade complexa que depende, além da

língua, de sua exterioridade.

Sobre o discurso urbano, por meio da pichação, cabe lembrarmos que podemos ver a manifestação da pichação como manifestação do eu (que sai de um individual para alcançar um coletivo) – da formação do processo identitário. Compreendemos que a carga ideológica que cerca esse discurso envolve questões relacionadas às mais diversas ordens, dentre as quais podemos citar a própria contravenção, um aspecto criminal que coloca tais sujeitos (praticantes da pichação) na posição de sujeitos marginalizados socialmente, de sujeitos que não são ouvidos pelo sistema, merecedores apenas de repreensão, punição e, por consequência, de abafamento.

Percebemos que o sujeito é um indivíduo concreto, que irá se constituir por meio da interação social. É na sociedade que ele encontra lugar para sua prática de ser. Esse processo ocorre por conta da linguagem, através do sistema de valores no qual ele é marcado socialmente, pelos atravessamentos ideológicos que o determinam.

## Referências

BRAGA, F. *A mídia é dos cara: a rua é nossa*. 30 ago. 2015. 1 fotografia Flickr. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/fbobraga/20389478894>. Acesso em: 4 maio 2017.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário da análise do discurso*. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

CHAUÍ, M. *O que é ideologia*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1980.

GUIMARÃES, E. *Texto, discurso e ensino*. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

LUCIANO, D. *Só os peixes mortos vão a favor da corrente*. 1 fotografia. Disponível em: [http://www.imgur.org/media/1249615761543673911\\_1818970653](http://www.imgur.org/media/1249615761543673911_1818970653). Acesso em: 4 maio 2017.

MUROS brancos povo mudo. [2017]. 1 fotografia Pinterest. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/267893877806652612/>. Acesso em: 4 maio 2017.

ORLANDI, E. P. *Discurso em Análise: Sujeito, Sentido, Ideologia*. Campinas, SP, Pontes, 2012

ORLANDI, E. P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 8. ed. Campinas: Pontes, 2015.

ORLANDI, E. P. *Cidade dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2004.

ORLANDI, E. P. *Discurso em análise: sujeito, sentido, ideologia*. Campinas: Pontes, 2016.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). Tradução de Pérciles Cunha. In: GADET, F.; HAK, T. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 2 ed. São Paulo: Ed da UNICAMP, 1993. p. 163 – 252.

SPINELLI, L. Pichação e comunicação: um código sem regra. *Logos*, Rio de Janeiro, ano 14, n. 26, p. 111-121, 2007. Disponível em: <http://www.logos.uerj.br/PDFS/26/08lucianospen.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2017.

ZAN, D.; BATISTA, E.; CAMPOS, M. T. A.; RAGGI, N.; ALMEIDA, T. L. Grafite e pichação: formas de resistência e participação juvenis?. *Revista Educação*, Santa Maria, v. 35, n. 3, p. 465-478, set./dez. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/2356/1423>. Acesso em: 19 abr. 2017.

*Submetido em: 14/06/2021*

*Aceito em: 03/08/2022*